



Imagens da capa (da esquerda para direita, para cada três imagens na horizontal): *Heliconia* X 'Orange Torch'; *H. stricta* 'Sharonii'; *H. orthotricha* 'Eclipse Total'; *Etilingera elatior* 'Cacheffo'; *Costus comosus* var. *bakeri*; *Etilingera elatior*; *Zingiber spectabile*; *Cheilocostus speciosus*; *Costus productus*.

Autoria: Carlos E. F. de Castro e Arlete M. T. de Melo

Zingiberales ornamentais diversificando a floricultura tropical

Nos últimos anos vem ocorrendo uma substancial alteração no perfil da floricultura praticada no Brasil, com produtos tradicionais compartilhando o mercado com flores e folhagens de origem tropical.

Parte dessa alteração pode ser atribuída à demanda mundial por novos produtos e à organização das bases produtivas em países da América Latina – com destaque para a Costa Rica – que impulsionaram sua oferta no mercado internacional. Quanto à demanda por novidades, as flores e folhagens tropicais, pela diversidade de formas, cores e uso, passaram a atender prontamente à necessidade existente. Para consumidores de climas frios, as flores e folhagens tropicais reúnem exotismo e beleza, além de sensação de bem-estar, aconchego e calor em um mesmo produto.

Para adequar uma espécie ao uso como flor ou folhagem de corte ou como planta de vaso, outras características também

vêm sendo consideradas. No primeiro caso, as flores e folhagens de origem tropical devem apresentar: haste com tamanho que permita os cortes necessários à padronização; boa durabilidade pós-colheita; não persistência das flores inclusas nas brácteas, evitando sua retirada posterior; e produção economicamente viável por planta e por ciclo. No caso de planta de vaso, as espécies devem reunir: porte baixo e arquitetura uniforme; manutenção de folhas nas hastes; alta capacidade de recobrimento do solo; coloração e dimensões proporcionais das hastes florais, foliares e folhas; persistência e longo período de floração; e bom número de inflorescências por ciclo.

No contexto da floricultura tropical, grande destaque atualmente é dado para o cultivo de espécies da ordem Zingiberales, constituída por oito famílias: Heliconiaceae, Zingiberaceae, Costaceae, Marantaceae, Cannaceae, Lowiaceae, Musaceae e Strelitziaceae.

A família Heliconiaceae é monogênica. São 183 espécies classificadas no gênero *Heliconia*, sendo 33 nativas do Brasil.

No país, são cultivadas mais intensivamente cultivares de *H. bihai*, *H. psittacorum*, *H. wagneriana*, *H. angusta*, *H. collinsiana*, *H. rostrata*, *H. stricta* e alguns híbridos intrespecíficos.

Na família Zingiberaceae, têm valor ornamental espécies dos gêneros *Alpinia*, *Zingiber* e *Etilingera*.

O gênero *Alpinia* reúne mais de 200 espécies, com destaque para *A. purpurata*. As principais variedades dessa espécie são Red Ginger, Rose Ginger, Eileen McDonald, Tahithian Ginger, Jungle King e Jungle Queen. O seu potencial como flor de corte é estabelecido pelo florescimento sucessivo durante o ano e sua longevidade pós-colheita de até 14 dias.

Em *Zingiber*, o gênero tipo da família Zingiberaceae, as

espécies com valor ornamental apresentam desenvolvimento vigoroso, inflorescências de grande durabilidade e brácteas com colorido brilhante, características que as tornam amplamente utilizadas como flores de corte em arranjos florais. A mudança gradual da coloração das brácteas das inflorescências, em algumas espécies, passando do verde ao amarelo, seguido de vários tons de vermelho até um vermelho intenso, agrega um fator de interesse adicional às plantas. Cultivadas no Brasil, encontram-se *Zingiber zerumbet* e *Z. spectabile*.

O bastão do imperador é originário da Ásia e classificado no gênero *Etilingera*. Em cultivo, destacam-se *E. elatior* e *E. haemespherica*.

A família Costaceae é dividida em sete gêneros que compreendem de 120 a 150 espécies. Os gêneros mais importantes são *Costus*, *Cheilocostus*, *Chamaecostus*, *Dimerocostus* e *Tapeinochilos*.

O interesse por algumas espécies como flor de corte, caso de *Costus lasius*, *C. productus*, *C. arabicus*, *C. stenophyllus*, *C. comosus* var. *bakeri*, *C. scaber*, *Cheilocostus speciosus variegata* e *Dimerocostus strobilaceus*, é devido à grande durabilidade pós-colheita das inflorescências. Quanto ao uso no paisagismo, destacam-se, além dos já citados, *Costus malortieanus*, *C. pictus*, *C. arabicus variegata* e *C. pulverulentus*. Tal uso está relacionado ao longo período da floração, à arquitetura da planta, à variação da textura, forma e cor de folhas e inflorescências e à adaptação a diferentes locais de cultivo. *Costus stenophyllus*, *C. pictus*, *Cheilocostus speciosus variegata* e *Dimerocostus strobilaceus* podem ser comercializadas como hastes foliares cortadas.

Em Marantaceae, os gêneros *Calathea*, *Maranta*, *Ctenanthe* e *Stromanthe* são os mais interessantes, embora muitas espécies possam ser usadas como plantas de vaso, de jardim ou folhagem ornamental. Como flores de

corte, destacam-se *Calathea cylindrica*, *C. crotolifera* e *C. burle-marxii*.

Da família Musaceae, *Musa velutina*, *M. coccinea*, *M. ornata* e *Ensete ventricosum* são cultivadas como ornamentais.

Strelitziaceae é constituída por três gêneros e sete espécies: *Strelitzia*, *Ravenala* e *Phenakospermum*. No Brasil, destacam-se *S. reginae* e *Ravenala madagascariensis*, esta conhecida como a árvore do viajante.

Cannaceae tem importância apenas como planta de jardim na composição de maciços florais. Quanto à monogênica família Lowiaceae, suas espécies não são cultivadas no Brasil.

A ampliação do cultivo e comercialização de espécies de Zingiberales vêm exigindo o estabelecimento de programas de pesquisa específicos nas universidades e instituições nacionais de P, D & I. Sem dúvida, a partir dos trabalhos pioneiros realizados no Instituto Agrônomo (IAC), em Campinas, em 1982, a pesquisa nacional com flores tropicais não deixou de evoluir. Como resultado, nosso país é um dos centros de referência mundial e, anualmente, mais pesquisadores se agregam à atividade. Entretanto, muitas respostas tecnológicas ainda são necessárias, em se tratando de um novo universo de pesquisa e de cultivo. As soluções esperadas só serão possíveis mediante o estabelecimento de políticas públicas robustas de apoio à atividade e ao ingresso e capacitação de maior contingente de recursos humanos. Bem vindos, portanto, à causa da floricultura tropical.

Carlos Eduardo Ferreira de Castro (Instituto Agrônomo IAC), Centro de Horticultura, C. Postal 28, 13012-970 Campinas-SP, ccastro@iac.sp.gov.br)